

# **ORIENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA QUE REFERENCIAM AS PESQUISAS COM INSPIRAÇÃO FENOMENOLÓGICA NO GPMSE (CUIABÁ/UFMT)**

Luiz Augusto Passos<sup>1</sup> - UFMT

## **Resumo:**

O presente trabalho de comunicação científica expõe a trajetória do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais e Educação da UFMT, suas opções epistemológicas, axiológicas e praxiológicas que sustentam os trabalhos do conjunto de doutores que atuam junto aos alunos da graduação, bolsistas, mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-graduação da UFMT (Cuiabá/MT/Brasil). Salienta a preocupação com o caráter formativo político-educacional. Mantém atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão; ligação orgânica na assessoria e consultoria na formação dos profissionais das redes públicas estaduais e municipais em vista da formulação de políticas públicas com grupos organizados da sociedade civil, sindicatos, movimentos de luta e reivindicação, pastorais e partidos políticos. Ficam enunciados princípios que orientam estudos, atividades, na busca do rigor necessário e possível exigido pela fenomenologia. As pesquisas procuram convergir a análise-compreensiva dos fenômenos, o mundo vivido pela corporeidade do educador, com a importância acadêmica e a urgência política. A pesquisa qualitativa no grupo busca conciliar princípios metodológicos da etnografia geertziana com a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty; em diálogo, ainda, com a obra do educador brasileiro Paulo Freire.

**Palavras-chave:** GPMSE, rigor, fenomenologia.

## **Abstract**

### **Theoretic-methodological orientation that reference the research with phenomenological inspiration in the GPMSE (CUIABÁ / UFMT)**

This study of scientific communication exposes the trajectory of the Research Group "Education and Social Movements" from UFMT, your epistemological, axiological and praxeological options that support the work of all PhD professors who work with the graduate students, scholars, masters and PhD Students from the Postgraduate Program of UFMT (Cuiabá / MT / Brazil). It stresses the concern with the formative character of political education. It Maintains academic activities of teaching, research and extension; organic connection in the training of professionals who works in the state and county and in local public networks in order to formulate public policies with organized civil society groups, unions, movements of struggle and demands, pastoral and political parties. They are set out guiding principles for studies, activities in the pursuit of necessary rigor and possible required by phenomenology. The research seeks to converge the comprehensive analysis of the phenomena, the world experienced by the embodiment of the educator, with the important academic and political urgency. The qualitative research developed by the group seeks to reconcile methodological principles of Geertzian ethnography with the phenomenology of Maurice Merleau-Ponty, in dialogue, even with the work of Brazilian educator Paulo Freire.

**Keywords:** GPMSE, rigor, phenomenology.

O primeiro Encontro de Representantes de Grupo de Pesquisa e Estudos Qualitativos (I ERPEC) realizado em Julho de 2008, nos debruçamos sobre o tema *Educação, contemporaneidade e pesquisa*, e sob convocação da Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativo, apresentamos uma narrativa e um pôster sobre a gênese, estrutura, funcionamento, estudos, pesquisas e nossas

---

<sup>1</sup> Luiz Augusto Passos: [passospassos@gmail.com](mailto:passospassos@gmail.com)

referências teórico-bibliográficas que realizávamos enquanto Grupo de Pesquisa. Somos parte da Universidade Federal de Mato Grosso, e nos situamos no Programa de Pós-Graduação em Educação, *Stricto sensu*, mestrado e doutorado. Pertencemos à Linha de Pesquisa *Movimentos sociais, Política e Educação Popular* daquele programa. Somos, curiosamente, um dos Grupo mais antigos no Brasil que se debruça sobre o tema Movimentos Sociais e Educação, tendo se constituído em 1993, criado pela professora emérita Artemis Augusta Torres, quando do terminou seu doutorado na Universidade Pompeu Fabra (Espanha) sob a orientação do Professor Francisco Fernández Buey, que esteve conosco no Seminário Internacional de Gramsci e os Movimentos Sociais na UFF, de 13 a 16 de setembro deste ano. Registrados no Diretório dos Grupos de Pesquisa no CNPq, certificado pela nossa instituição, mantemos uma *Home-Page* que divulga nosso perfil e atividades: <http://www.ufmt.br/ie/gpmse/>. A linha de Pesquisa a qual pertencemos desenvolve estudos e investigações sobre educação, fazendo a interlocução com diferentes conceitos – democracia e gestão democrática. Há um extenso programa acerca da diferença cultural e relações raciais, realizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas Relações Raciais, o NEPRE, coordenado pela Professora Dr<sup>a</sup> Maria Lúcia Rodrigues Müller. A educação ambiental é tema articulador do Grupo Pesquisador Educação Ambiental (GPEA) coordenado pela Professora Dr<sup>a</sup> Michèle Sato. O GPMSE tem enfoca a filosofia política e as ciências sociais voltado à Educação. Nosso temário abrange organizações governamentais e civis, em diálogo com políticas de educação e os movimentos sociais; epistemologias e dimensões econômico-simbólicas e ético-políticas das ações coletivas. Nosso foco, enquanto Grupo de Pesquisa se ramifica em tendências metodológicas distintas, isto é, o Grupo de Pesquisa coordenado pela Professora Artemis Torres possui um recorte nitidamente marxiano e gramsciano ligado ao NUFIFE, Núcleo de Filosofia Política e Educação coordenado pelo Prof. Dr. Giovanni Semeraro com o qual temos convênio histórico de assessoria e compartilhamento de produções no PPGE da UFMT. O GPMSE, que coordeno, e que internamente chamamos GPMSE-Fenomenologia que trabalha sob o enfoque da Pesquisa Qualitativa, buscamos um diálogo com procedimentos da etnografia e orientação filosófica da fenomenologia merleau-pontyana. O Projeto do GPMSE tem dois braços. O primeiro projeto que une estes dois braços está em sua quarta edição chamado *Educação em Movimentos Sociais* (EDUMOS IV), no qual o Projeto Base, e em finalização é o Projeto *Saberes e Práticas educacionais dos Movimentos Sociais Populares em diálogo com a Fenomenologia de Merleau-Ponty e Educação Libertadora de Paulo Freire*. Abrimos agora, recentemente, uma nova linha de pesquisa no GPMSE-Fenomenologia, o projeto denominado ECSCA (Exploração Comercial Sexual de Crianças e Adolescentes) concorrendo ao edital do CNPq. E, estamos com um projeto intermediário, com financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa no Mato Grosso (FAPEMAT) para um projeto de Extensão com interface na Pesquisa, cujo foco reside nos sentidos atribuídos à Cidadania no cotidiano da grande Cuiabá. As oficinas estão sendo preparadas tomando o livro de Enrique Dussel, *Vinte teses de Política*, como referência para o material de caráter popular que deverá ser repassado a grupos populares que tenham interesse. Teremos doze meses para executá-lo. Quando em 1992 entrei na Universidade escolhi o Grupo de Pesquisa coordenado pela Professora antropóloga Dr<sup>a</sup> Maria de Lourdes Bandeira, ou também conhecida como Maria de Lourdes Bandeira de Lamonica Freire. Desde então, optamos por alinhar nossa produção por uma inspiração teórico-metodológica orientada pela etnografia de inspiração geertziana. Geertz dialetizava paradigmas clássicos da antropologia, evitando tanto o relativismo cultural como a abordagem estruturalista linear, na descrição do campo. A Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, por sua vez, nos permitia um conjunto de categorias que unificava nossas pesquisas, superando a visão materialista dogmática e a idealista radical. O que isso implicou? Tendo uma episteme que nos confere coesão metodológica, axiológica e política, nos permitimos não possuir um objeto de pesquisa definido, como a maioria dos grupos de Pesquisa possuem. Exposto esta gênese do GPMSE, penso que algumas coisas podem revelar melhor nossa intencionalidade.

Devo confessar, pois, que esta comunicação que agora faço, quer compartilhar o mesmo sentido que Heidegger colhe em sua leitura dos fragmentos de Heráclito, no que se refere ao conceito de *aleteia* ou *aletsia*, que significa *desvelar* a vocês parte da essência oculta do

GPMSE, na esperança de que este esclarecimento possa durar no desvelado e nos aproximar como diferenças que comungam na andarilhagem incessante da busca da verdade e da transformações em curso, da inseparável trindade merleauPontyana: eu-outro-mundo. Vivendo numa certa periferia de Mato Grosso, nos permitimos autodenominar a nós mesmos e, somos assim reconhecidos por tal, como um Grupo de Pesquisa cuja orientação teórico-metodológica, epistemológica, está filiada à Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty, e trazemos também as feridas desta opção. Temos consciência de que a autonegação, se necessária, não é suficiente do ponto de vista acadêmico, senão pudermos ser também acolhidos como tais, pela Sociedade de Pesquisas e Estudos Qualitativos, no país. Thomas Merton, em um dos seus títulos, dizia que “homem algum é uma ilha”. Nós, coletivamente, como grupo de pesquisa não somos uma ilha neste arquipélago da Pesquisa com inspiração fenomenológica, se não formos reconhecidos pelo OUTRO, que incomparáveis, todos e todas reconhecemos, nos precedeu de muito no cenário nacional, e carrega as insígnias de serem nesta seara os *Aristós*: os *primeiros*. Possuem a aura dos ancestrais míticos, aos quais todos nós devemos nos referir. Imaginem a alegria da presença de Maria Vitória Espósito em minha qualificação e na defesa final de tese na PUCSP. Trazia a mim presente o próprio Joel Martins nela mesma! Temos buscado, lhes garanto, diuturna e compulsivamente, de forma intencionada a paixão que a fenomenologia despertou em nós e que espalhamos em muitos e muitas. Brinco com meus pares da UFMT que temos uma certa *fenomenologia dos trópicos*. O brinquedo que é um pouco xiste e faz sentido. Não poderemos transpor a nós o mesmo rigor que vocês conquistaram ano a ano nesta sociedade científica, que para nós é provocação ao estudo, à pesquisa, à ação e, porque não dizer, um noviciado à uma ortopraxis. E, Maria Vitória Espósito assinou embaixo de que aquilo que eu descrevia, e tinha a assinatura do séquito de alunos, professores, pessoas do povo, que compartilhavam com voz viva nestes discursos, e muitos e muitas assinaram, efetivamente, com o próprio sangue, de que não carregava heresias para a essência da fenomenologia merleauPontyana. Pedimos a ajuda, que ainda nos é dada, ao Professor Antonio Joaquim Severino, em Filosofia Contemporânea no Brasil, conhecimento, política e educação, fornece um largo espectro de tendências afiliadas à fenomenologia no Brasil; e atribui a Paulo Freire a alcunha de *fenomenologia existencial*. Paulo Freire se disse “Sou dialético e fenomenológico”. Tento num verbete “Fenomenologia” no “Dicionário Paulo Freire”, edição ampliada, ano 2010, compreender o que poderia, cotejando outros textos de Freire e autores, fazer uma exegese sobre esta afirmação que causa perplexidades e mal-estar!

No III Sipeq fui surpreendido com encontros e desencontros do nosso sotaque. Confesso que gostaria de que se resumisse, à cultura de conceitos abertos próprio da fenomenologia, que as diferenças proviessem do “corpo molhado de história” e do corpo próprio e do olhar datado, das diferenças de contextos, lutas, pesquisas que acabam por nos modelar, como dizia Camus, nosso rosto e identidade. Por isso, buscamos textos de vocês, nos meses que precederam este encontro para estudarmos e compreender a semântica posta na palavra rigor, como diria Geertz, procurando por sobre os ombros de vocês, enviezando nosso olhar na mesma direção, melhor compreender o amplo repertório de conceitos que concernem à fenomenologia. Estamos certos de que estejamos prontos, não sabemos, e talvez estejamos até equivocados, mas não somos pertinazes ao que viermos compreender. E, por isso, estudamos, pesquisamos, vamos a campo. Não nos interessa sermos sós e não aprender em comunhão. Ano passado, um aceno de cabeça de Ângela Belo durante uma exposição minha acerca de espacialidade em Merleau-Ponty, não comentei isso nem mesmo em Cuiabá, constituiu-se num sinal de que também para ela, não éramos completamente heterodoxos ou alienígenas. Ainda assim, quando mencionava no grupo de trabalho que a interlocução que realizávamos da fenomenologia de Merleau-Ponty com a *descrição densa* de Clifford Geertz, era dimensão central de nossa orientação, e minha tese trabalha nesta direção, isso mereceu reprovação. Não precisamos, na verdade, nem aprovação prévia, nem reprovação, precisamos é de interlocução, diálogo, porque não existem verdades terminais, menos ainda em fenomenologia! Vale a beleza da entrevista de D. Pedro Casaldaliga: “Tudo é relativo, menos Deus e a fome!” (<http://www.adital.com.br/SITE/noticia2.asp?lang=PT&cod=27223>). Professor Severino é consultor de nosso GPMSE-Fenomenologia, e, após ouvir nossas pesquisas, mencionava que

havia um eixo forte no nosso trabalho que era próprio de Emmanuel Mounier, a busca de uma inspiração antropológico-filosófica que nos dava um sotaque definido na nossa forma de estudar e fazer fenomenologia. Somos caçadores de sentidos, sentidos que empurram ou magnetizam os seres humanos nas suas incursões. O existencialismo de Sartre em sua fase militante nos permeia. Na entrevista “Sartre por ele mesmo” compartilhamos que o “ser para si mesmo é uma desgraça!” Por isso é forte em nós, a compreensão levinasiana, em Buber sobre a relação com o outro, enfática na no personalismo de Mounier – e se encontra inteirinha em Merleau-Ponty – não somos sem os outros que radicalmente nos constituem. Estudamos e temos grupo de estudos e leituras de Paulo Freire, coordenado pela Professora Dr<sup>a</sup> Maria da Anunciação Pinheiros de Barros Neta, que em nossa universidade está aberto a educadores, alunos, comunidade, não como um grupo formal e acadêmico, mas que busca ler reiteradamente Paulo Freire e tenta dizer sua palavra, a cada um que lá está, acerca de um texto de leitura coletiva. Neste sentido, as leituras aí feitas brindam sempre o que podemos chamar uma epistemologia merleauPontyana, que marca o pensamento do próprio Freire. Dizia-me Mario Sérgio Cortela que Freire esteve em um encontro com Merleau-Ponty, e Freire atribui em seus escritos a inspiração fenomenológica de Merleau-Ponty que marca seu pensamento. Freire, aliás, jamais se referiria a Merleau-Ponty se o pensar de Merleau-Ponty não correspondesse ético-politicamente ao que Freire imaginava condição de fidedignidade de qualquer pensador, a *corporeificação* do que Merleau-Ponty escrevia e falava. Muniz Rezende dizia que a fenomenologia é uma atitude, uma forma de vida. Severino, quando descreve a fenomenologia no Brasil mostra um gradiente de tribos com influências e diferentes concepções, pela escolhas que não apenas se devem à filosofia ou à racionalidade, mas muito de fatores indesligáveis de nós, melhor compreendidos pela psicanálise ou pela radiografia um pouco nua, que faz de nós Shakespeare ou Goethe. Essa diversidade de empostações, recebe um forte coadjuvante, pois tanto quanto não existe “a” filosofia, não existirá “a” fenomenologia como filosofia única e terminal. Há um leque de tendências, filiações, interlocuções – tão preciosas a Merleau-Ponty – que não poderá expulsar os diferentes perfis de leitura, olhares, lugares sociais dos pesquisadores e suas vivências corporais singulares que traduzem em parte as humanidades plausíveis. De sorte que a fenomenologia no Brasil e no mundo, não pode ser enquadrada em uma síntese terminal; uma *grande narrativa*, no sentido clássico, que fechasse a história, expulsasse a condição humana, para adquirir uma face unitária que rejeitasse a variedade de injunções, histórias, vivências, subjetividades e idiosincrasias dos seus autores, cuja vida enriquece múltiplas leituras do mundo futuríveis. A universalidade é uma utopia a ser construída pela inclusão de todas as solidões.

Por onde está indo o GPMSE? Qual nossa perspectiva no que se refere ao rigor?

Esta é uma pergunta antiga entre nós. Em seminário avançado em 2008 concluímos que tínhamos balizas muito definidas, que impediam um epistemicídio, um relativismo ou uma “misturanga”.

Mas vale lembrar uma metáfora do segundo Wittgenstein, nas *Investigações* quando pergunta qual seria rigor necessário quando ampliássemos para análise uma fotografia desfocada? Seria o retoque corretivo do que nela existe de apreensão inicial ou esta ampliação deveria brindar a expansão dos hiatos e das áreas de imprecisão?

Neste sentido, estamos a caminho do rigor, quando nos despimos o suficiente, para adquirir percepções e conhecimentos, mantendo a permanente suspeita de que talvez não estejamos nunca com a verdade toda, até porque nossa condição ontológica é da contingência, da *falta*. Buscamos, por isso, um diálogo expansivo, procurando conhecer possibilidades que não dicotomizem com alguns princípios fundantes que à nossa leitura estariam brindados na inspiração do autor escolhido, Merleau-Ponty. Neste sentido nos espraíamos ao diálogo, promovendo pesquisas em sua maior parte dirigidas a espaços, tempos e atores coletivos populares dos movimentos sociais, pastorais e grupos organizados instituídos ou instituintes, considerando sua ação educativa, e para tal adotamos em cada trabalho de pesquisa um mesmo conjunto de categorias em diálogo com procedimentos coerentes com a inspiração fenomenológica. No último projeto global tomamos *autonomia* e *emancipação*, *freireanas*. Não nos permitimos cindir jamais o singular, o particular e o universal. O universalismo é

compreendido, em uma feliz analogia à versão teológica do conceito *catolicismo*, segundo Antonio Carlos Ribeiro, que significaria originalmente aquilo que sendo particular, tem a propriedade de pode ser apropriado e universalizado em outras versões específicas. Aquilo que suporta o diálogo tensivo entre mesmidade e diferença. Não abrimos mão de manter a tensão entre o singular, o particular e o geral, e de afirmar o limite humano para o omnisciência, bem como a impossibilidade de se ir às coisas mesmas, quando o mundo nos precede e está em nós. O mundo nos precede. Parece-nos, por isso, artificioso e inútil, limar arestas que acabam por realizar o que Merleau-Ponty assevera, que em busca realizar uma síntese dialética entre pólos de contradição, muitos pensadores e pesquisadores, desejando criar um sistema “redondo”, e “politicamente correto”, acabam jogando fora o objeto e ficando só com o sujeito ou vice-versa, jogando fora o sujeito e ficando só com o objeto. Esse é um dos limites que buscamos superar em nossas pesquisas. Elas permanecem abertas. Elas buscam explicitar os limites. Isso implica também cotejar as diferenças, sem homogeneizá-las. Há neste espaço tensivo dimensões que sobrevivem à cegueira dos tratamentos modernizantes, de forma que, as áreas de movimento, de entre-epaços, de entretempos, ficam relegadas a um silêncio obsequioso. E, evoco uma vez mais Wittgenstein, áreas em que já não somos o mundo, somos o limite do mundo. Ou, no mesmo Wittgenstein, o reconhecimento de que aquilo que está muito perto dos olhos não pode ser visto com facilidade.

Dialogamos em Cuiabá com alguns princípios referenciais do qual não abrimos mão.

A suspeita que inclui a dimensão da suspensão, – e aqui utilizo Geertz – de que o fato de não se ter uma objetividade asséptica não justifica um cirurgia no esgoto. E toda a busca de permitir que o fenômeno fale com voz própria, - e ele sempre fala! – só é possível se houver isenção máxima possível por parte do pesquisador para ouvir, ver e acolher aquilo que nós sozinhos jamais produziríamos, sem a revelação que faz de si o fenômeno. Buscamos sim, *unidades de significação*, como sinapses, rizomas, olhos d’água, coagulações onde dimensões polissêmicas se encontram e se expressam como *palavração*, como palavras geradores, em linguagem. E, *linguagem* não necessariamente verbal ou sustentada por signos, mas como erupções sintéticas de vivências perceptivas, *insights*, em que o invisível moldado pelo sensível explode e desvela onticamente núcleos interligados organizadamente a um tecido de continuidade referida à totalidade dos fenômenos que se acasalam com o olhar datado de um pesquisador situado. O que estes núcleos implicam é um arranjo de pele tênue que explode em vida mutante e ao mesmo tempo, com alguma coisa de permanente e de continuidade.

Temos, contudo, uma preocupação. O contexto de globalização e a perversidade do sistema massacra o humano, por vezes com contribuições nossas de “intelectuais” na academia. Afirmar a vida é princípio categórico absoluto, no sentido da Ética da Libertação de Dussel. É necessário ter a universalidade como referência, inclusive para a luta contra as *inclusões excludentes* que são tantas. Imanta-nos, no GPMSE-Fenomenologia, há anos, a invisibilidade e o massacre do que está sendo denominado. Buscamos, por isso, enxergar o invisível, a “experiência perdida” denominada por Boaventura de Souza Santos, em sua “Sociologia das ausências”. Buscamos as pessoas de que Certeau nominou como o “homem ordinário” em sua “Arte de fazer”. É, neste sentido nossas pesquisas buscam esse mesmo território, uma solidariedade da “cidadania ativa” – proposta por Maria Vitória Benevides, contra a imperdoável negação daquelas e daqueles que possuem parte de suas vivências corporeificadas no sofrimento, proibidos de felicidades, que acabaram também expulsos da cartografia das pesquisas acadêmicas que se dedicam a grandes proporções, maioridades, de reiterações do mesmo, de grande tendências expressas estatisticamente e sobretudo de convergências. Procuramos, no sentido poético-político de Manoel de Barros apostar no “lixo”, no que foi deixado – *reliquias* - o que foi jogado fora, dejetos como lugares de gritos silenciados. E buscamos, geertzianamente, circunscrever o micro no macro. Nos esforçamos para demonstrar que essa dissidência, essa solidão conta, decisivamente, nos espaços da cultura emprestando vozes aos empobrecidos e esfarrapados. Mostrar como conta a mecha que ainda fuma, é esperança, para a vida de todos nas tramas de um sistema de morte.

Fazemos educação também quando fazemos política. Mas nos distinguimos daqueles que pensam a educação como uma intervenção orquestrada e institucional, de agências civilizatórias, que também são imprescindíveis por sua amplitude e generalização, mas

buscamos o(a) educador(a) popular, de preferência o coletivo, aqueles que inventam e tecem humanidades a partir dos recursos à mão, do direito achado na rua, iluminados pelo senso acumulado pela noção de sustentabilidade gerada pela dor e pela luta, às vezes soterrados nos porões sitiados por um sistema em que a vida deles e delas vale nada. Lá, onde prevalece o “bom senso” gramsciano, introduzido pelo sofrimento e aprendizagem perceptiva e sensível, artifícios à moda de Michel de Certeau na produção de estratégias, ou na parição de “manhas” segundo Freire; “achados viáveis” segundo Valla, para sobreviverem, e fazerem a vida digna e feliz, deles e de todos e todas, no meio da geléia geral das culturas de dominação. Acreditamos que, neste sentido, há que intencionar os trabalhos de pesquisa em confluência a curiosidade epistemológica e a luta pela humanidade nossa e de todos e todas. Nossas lentes estarão lá, na arte de tecer vidas, por vezes a partir de destroços, que neles – por vezes - nós próprios nos reconhecemos. É preciso tecer sentidos humanizadores, a partir da luta por vida dos oprimidos, em vista do sentido ampliado da vida planetária e solidária.

Fazemos pesquisa que tenha raízes na vida do pesquisador, e que carregue aquela marca paulina de que aquilo que importa não é o que se escreve nos livros, mas o que se escreve com sangue e no coração. Trata-se de conciliar o pensado com o vivido. “Olhar o mundo não significa apenas compreendê-lo, mas tornar-se responsável por ele. E uma retomada do pensamento para o sentir.” Merleau-Ponty. Nietzsche lembrava também “De tudo o que se escreve, aprecio somente o que alguém escreve com seu próprio sangue. Escreve com sangue e aprenderás que o sangue é espírito” ( FRIEDRICH NIETZSCHE).”. A Fenomenologia não será um brinquedo, um conjunto de andaimes contrangedores, será um engajamento na busca contínua, na busca de criar a linguagem que comunique as idiossincrasias, fazendo um ato de fé, e fé preceptiva naquilo que todos nós sabemos, mas que nem sempre acreditamos, e que constitui para Carl Rogers um princípio áureo de sua psicologia que o mais singular e solitário, é também – frequentemente - o mais universal. Contudo, o que vimos quando o fenômeno se apresentou trás o compromisso social de comunicar pela descrição o que fizemos, quais procedimentos, onde o caminho das pedras, por onde se andou, para conseguir enxergar o que se viu. Abrindo uma perspectiva que permita a todas as outras pessoas enxergarem ao menos de esguelha (Geertz) como chegar lá. De trocar descobertas, de torná-las comunicadoras e comunicativas. E de que esse lócus amplie a nossa percepção do tamanho do mundo, que mudará também o tamanho de nossos corações e nossas inteligências de pesquisadores, permitindo no sentido radical hauridos em Theilhard e Freire, que apesar de sua inconclusão, como espécie, com filo, e como seres humanos, se acrescente em nós o chamado de ser mais, que nos caracteriza como seres do mistério e abertos à transcendência.

Buscamos com sede, também no GPMSE, das idéias evaporadas e fantasiosas, entrarmos no mundo da percepção, da terrenidade, da corporeidade da nossa encarnação cósmica. Apostamos na fé perceptiva. Buscamos em nossos trabalhos dizer que é na/pela percepção, única via, de se produzir conhecimento telúrico, com gosto de terra e de verdade. Que este conhecimento se radica na corporeidade, na espacialidade e na temporalidade – e na sexualidade – dimensões que segundo Merleau-Ponty não são condições exteriores à nós, mas formas como emergimos no mundo, que nos antecedeu, gerados levinasianos, até o fim pelos outros e outras. Dizer que a vida é dom, presente. E, por isso ser presente aos outros, no sentido de pré-sença é um compromisso ético-político, que implica comunhão, reciprocidade até o final.

Recentemente fizemos um esforço de dizer isso de maneira forte para aqueles educadores que tem pensado as pessoas com resultados de cérebros, de princípios teóricos desvinculados da afetividade, da perceptividade, de sua condição cósmica e de mundaneidade, num artigo reiterativo e longo, com a geógrafa Dr<sup>a</sup> Professora Suíse Leon Bordest, na Revista OLAM (<http://luizaugustopassos.com.br/wp-content/uploads/2010/05/Artigo-OLAM-Educacao-Ambiental-SUISE-PASSOS.pdf>).

Quero dizer de maneira forte para concluir, nós do Grupo de Pesquisa Movimentos Sociais e Educação nos sentimos irmãos e membros da *Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativo*, e por isso na mesma caravana de andarilhos, como pares, e solicitamos reconhecimento e interlocução, caso não nos expulsem dela.

## Bibliografia

- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. **Etnografia e prática escolar**. Campinas: São Paulo: Papirus, 1995.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Alberto Raposo. 10 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- BARRETO, Vera. **Paulo Freire para educadores**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.
- Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos I**. Portugal: Porto, 1994.
- BOGDAN, Robert C. & BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos**. Trans. Maria João Álvares, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.
- CAPPELLETTI, Isabel Franchi (Org). **Avaliação Educacional: Fundamentos e Práticas**. São Paulo: Editora Articulação Universidade/Escola, 1999.
- CARMO, Paulo Sérgio. **Merleau-Ponty: A pintura como expressão de Silêncio**. São Paulo: SN, 1990.
- CARMO, Paulo Sérgio. **Merleau-Ponty: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2000.
- CERTEAU, Michel de. “A invenção do cotidiano”: 1. **A arte de fazer**. 5ª ed. Tradução de Efraim Ferreira Alves, Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHAUÍ, Marilena **Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo. Espinosa, Voltaire, Merleau-Ponty**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CHAUÍ, Marilena, Vida e obra de Merleau-Ponty. In MERLEAU-PONTY. São Paulo: Nova Cultural, 1989. p. VII-XI. [Os Pensadores].
- CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 8ª ed. São Paulo: Cortez 2006. p.77-106.
- CRAPALBO, Creusa. “Algumas considerações sobre a fenomenologia que podem interessar ao Serviço Social”. In **Teorização do Serviço Social. Encontro Nacional de Serviço Social**. 2 ed., Rio de Janeiro: Agir, 1986. p. 173-182.
- DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação. Na Idade da globalização e da Exclusão**. Trad. Ephraim Ferreira Alves; Jaime Clasen e Lúcia M. E. Orth. RJ:Petrópolis, 2000.
- ESPÓSITO, Vitória H.C e BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. “Os Processos Perceptivos e a Linguagem Pedagógico-Matemática”. In: **Formação de Educadores – pesquisas e estudos qualitativos**. São Paulo: Olho d’água, 1999. p. 75 – 93.
- FREIRE, Paulo **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP – Universidade Estadual Paulista, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática para a liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- GEERTZ, Clifford **O Saber local. Novos ensaios em Antropologia Interpretativa**. Trad. Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989(1).
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Trans. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Condor. 3.ed., São Paulo : Paz e Terra, 1997.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- LINHARES, Célia Frazão. “Experiências instituintes na educação pública? Alguns porquês dessa busca”. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 16, n. 31, p. 139-160, mai.-ago. 2007.

- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. [Temas básicos de educação e ensino].
- MARTINS, Joel et all. **Temas Fundamentais de Fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984.
- MARTINS, Joel. **Estudos Sobre existencialismo, Fenomenologia e Educação**. Joel MARTINS e Maria Aparecida Viggiani BICUDO (orgs.). São Paulo: Moraes, 1983.
- MARTINS, Joel. **Um Enfoque Fenomenológico do Currículo, Educação como Poiesis**. Joel MARTINS e Vitória Helena Cunha ESPÓSITO (orgs.). São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1992.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Edmund Husserl/ Maurice Merleau-Ponty*. Traduzido por: Marilena de Sousa Chauí; Nelson Alfredo Aguiar, Pedro de Sousa Moraes. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (*Os Pensadores*), pp. VI-XIII.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Freitas Bastos, 1971
- PROJETO, *Democracia e Educação 2007*. PPGE/IE/GPMSE. Arquivo do PPGE/UFMT. PROJETO, *Saberes e Práticas da Educação Popular em Mato Grosso 2007*. PPGE/IE/GPMSE. Arquivo do PPGE/UFMT.
- RESENDE, Antonio Muniz. *Concepção fenomenológica da Educação*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990 – (Coleção Polêmicas do nosso tempo; V.38)
- REZENDE, Antonio Muniz de. *Concepção fenomenológica da Educação*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.
- RICOEUR, Paul. *O conflito das Interpretações. Ensaio de hermenêutica*. Tradução Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978. (Logoteca ).
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Sociologia das ausências, por uma sociologia das emergências*. [http://www.ufmt.br/gpea/pub/Boaventura\\_Sociol.pdf](http://www.ufmt.br/gpea/pub/Boaventura_Sociol.pdf)
- VALLA, Victor Vincent. “A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas”. In *Educação & Sociedade*. Porto Alegre v. 21 n. 2; Jul./dez. 1996. p. 179-188.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. “Investigações filosóficas” In *Ludwig WITTGENSTEIN*. Trad. José Carlos Bruni. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. [Os Pensadores].
-